

PREFÁCIO

Celso Candido de Azambuja*

ccandido@unisinos.br

1

Durante os dias 3 a 6 de novembro de 2008, na Unisinos, realizamos um evento de filosofia para debater o tema: *os gregos e nós*. Foram quatro dias intensos de palestras, conferências, comunicações, conversas, envolvendo filósofos e estudantes de filosofia, como também intelectuais e estudantes de outras áreas do conhecimento. O debate foi profícuo, e o livro que ora apresentamos ao grande público é um dos seus resultados mais importantes.

Em um colóquio de quatro dias e em um livro como este, é evidentemente impossível refletir e sistematizar o conjunto da obra grega. E essa também não foi a nossa pretensão! Oferecemos recortes transversais, cuja grandeza consiste principalmente na qualidade e na diversidade das perspectivas e abordagens através dos quais são feitos. Os autores e textos falarão por si mesmos no que segue.

Todos sabem que, além do pensamento filosófico, a cultura grega plantou raízes profundas, brilhou também com sua mitologia e suas tragédias. A mitologia grega é uma obra de imaginação poderosa e fértil, praticamente sem similar na história dos povos e seus deuses. Suas tragédias estão, sem dúvida alguma, entre as mais belas obras literárias de todos os tempos. É impossível lê-las sem sentir estremecer o solo aos nossos pés, a imaginação arder, o coração palpitar, o espírito enriquecer. Por sua vez, a arquitetura e a escultura gregas chegaram a um grau de elaboração estética que a simples contemplação das ruínas de um Parthenon ou de uma escultura de Afrodite, por exemplo, evoca imediata e intuitivamente o sentido da perfeição e harmonia das formas e riqueza dos significados.

Os tempos não esgotarão jamais esta riqueza original, monumental...

Nos contentamos, pois, em lançar algumas luzes a este grande debate acerca da presença grega entre nós. Tal como pretendia o antigo filósofo grego Aristóteles, nenhum filósofo é capaz de chegar à verdade sozinho, mas na colheita do que cada um foi capaz de plantar podemos encontrar maiores e melhores resultados. A diversidade das abordagens aqui presente revela tratar-se de uma

* Prof. Dr. do Curso de Filosofia e convidado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos. Coordenador do Curso de Filosofia Unisinos.

unidade temática complexa e inesgotável.

2

Tínhamos – e ainda temos – muitas perguntas em nossas cabeças. Elas giram, certamente, em torno do problema da herança grega entre nós. O que resta da cultura grega antiga, das suas artes, da sua mitologia, da sua política, e – principalmente, claro, para nós – da sua filosofia? Qual o legado grego para a filosofia contemporânea? Qual a sua importância e que influência tem para nós contemporâneos habitantes dos princípios do século XXI?

Essa herança não poderá ser compreendida exteriormente ao nosso fazer filosófico, científico, político e cultural atual, pois ela é constitutiva da nossa atualidade.

A filosofia, especialmente, permanece ainda hoje ligada ao pensamento grego em toda a sua essência. O pensamento grego está como que no DNA da genética filosófica.

É assim que, segundo Hegel, o passado da filosofia, sua história, deveria ser encarada como um tesouro do qual extraímos não apenas o passado “morto”, já vivido e esgotado, como simplesmente se disseca um cadáver, uma história acabada, que já não nos afetaria mais. Ao contrário, esta história, com seus heróis, monumentos e tragédias, deveria ser entendida dinamicamente, como memória viva, atuante. Não deveríamos, pois, ir ao museu da filosofia para simplesmente contemplar suas belas e extraordinárias obras; deveríamos essencialmente ir em busca do nosso próprio tempo. Trata-se aqui de nossa capacidade de atualização do pensamento filosófico passado.

Então voltamos a nos perguntar: o que o pensamento grego, seus autores, sua Ética, sua Política, sua Ciência, sua Lógica, tem ainda hoje a nos ensinar. Aqui, mais do que nunca, percebemos que os dois milênios e meio que nos separam daquele pensamento originário se condensam, e sentimo-nos próximos daquele mundo espiritual rico e complexo.

Neste sentido, na perspectiva de Werner Jaeger, não se trata apenas de buscar nossas origens civilizatórias na *paidéia* grega; quando nos voltamos aos antigos gregos, estamos também em busca de orientação, portanto, lemos, estudamos os gregos quando queremos descobrir o que somos hoje e desenhar nosso caminho para o futuro.

Não se trata, portanto, de repetir, mimetizar a experiência filosófica – ou política ou cultural – grega. Não se trata de compreender a obra dos gregos antigos como uma espécie de espelho daquilo que deveríamos ser hoje.

Trata-se talvez principalmente de compreender aquele povo singular como um acontecimento monumental na história da cultura ocidental, no sentido em que Nietzsche emprega ao conceito de “história monumental”. Este acontecimento prova a possibilidade da repetição, não do acontecimento ele mesmo, mas da própria história monumental.

Assim, a filosofia grega torna-se um farol, luz eterna, referência essencial – sem a qual se perderia o próprio sentido do filosofar – da qual brotou como em nenhum outro lugar na antiguidade, o espírito inquiridor radical e na qual a astúcia da razão se fez fé, ferro e fogo.

O pensamento grego é, desse modo, fundação, fundamento, orientação, mas também inspiração. Estamos ancorados desde sempre às próprias origens do pensamento filosófico. Ele encontra-se não apenas no nosso passado, mas inevitavelmente no nosso presente e no nosso futuro.

3

O nascimento da filosofia grega se dá com a problematização do mundo, com os chamados pré-socráticos, e da existência humana, com Sócrates e os sofistas. Ela se pergunta pelo *kosmos* (κόσμος): de que é feito e que princípios determinam o mundo e seu vir a ser. Em seguida ela se pergunta pelo *anthropos* (ἄνθρωπος): pelo sentido e pela ação humana no mundo.

Antes da filosofia, era a mitologia, ou o modo de pensar mítico, com seus deuses e ritos, que dava resposta e sentido ao mundo e aos problemas humanos. A filosofia começa quando o mito – como resposta e fundamento da ordem ou desordem do mundo – é colocado em questão, quando ele é preterido por um outro modo de fundamentação. Todavia, não se trata aqui apenas de ruptura com o mito, mas de uma radicalização das exigências do pensamento que, segundo Giorgio Colli, tem suas raízes no próprio pensamento mítico. Pois é do culto a Apolo principalmente, da prática da adivinhação pelos Oráculos, pela decifração dos sinais divinos, a prática da Mântica realizada intensamente por toda a Grécia, que emerge a palavra humana auto-referida. Não se trata, pois, de uma ruptura como em uma fratura, mas de uma ruptura pela intensificação do procedimento inquiridor, questionador, ávido por sabedoria. Trata-se de uma nova cristalização de um processo político e cultural emergente no seio da subjetividade grega

Com a filosofia grega nasce o projeto iluminista. O espírito humano almeja, desde então, uma resposta razoável para o vir a ser do mundo. É preciso apresentar razões, explicações lógicas e racionais, que façam sentido desde a própria razão emancipada do mito. Não são mais os tempos da palavra mítica, mas da palavra humana autocontida. Não se contenta mais com as fantásticas ainda belas narrativas contidas nos ritos e mitos. Agora, aceita-se apenas a autoridade da própria razão

humana.

Assim, agora as leis humanas precisam encontrar um fundamento em si mesmas, pois são reconhecidas como autocriações humanas. As leis são agora criações autônomas dos cidadãos reunidos, dialéticos e deliberantes. São leis pensadas, discutidas e definidas pelas próprias razões e paixões humanas. As leis deixam de ser heterônomas, ou seja, dadas desde fora, seja pelo mito ou pelo estado inimigo. São feitas por si e para si.

Em outros tempos e povos certamente leis e tábuas de valores – e discussões racionais acerca destas –, houve. No entanto, tratava-se até então de determinações e forças míticas, extraterrenas e extra-humanas.

Com os gregos, nasce não apenas a idéia de uma “natureza” – *physis* (φύσις) – autocontida e autocontedora; nasce também a idéia de uma “construção” – *poiesis* (ποίησις) – humana auto-refletida e autocriadora. Emerge a autoconsciência de uma humanidade auto-instituidora de suas próprias “formas” – *eidos* (εἶδος).

O nascimento da filosofia é inseparável da emergência da racionalidade humana autocontida grega. Aí tem início um novo modo de encarar e pensar o mundo, os fatos, os acontecimentos. Logo nasce também uma ciência e um conceito de ciência fundada na razão empírica. Nasce também um modo do pensar e fazer político, fundado na cidadania ativa e participativa.

Trata-se, em suma, do nascimento da subjetividade, autoconsciente, auto-inquiridora, *autopoiética*, e, portanto, do nascimento da idéia de liberdade como realização propriamente humana. Este feito monumental, esta invenção paradoxal, não tem paralelo na história. Por essas e outras razões, os gregos ainda estão e sempre estarão entre nós.